

O cartão

Capítulo XLVIII

A Leitora, o Leitor, decerto não se incomodará e quem sabe até goste de ver quebrada, neste aqui, a seqüência alternada de capítulos sobre provocações e aventuras no espelho. Aliás, já o fiz antes, com “O Livro da Paz” e “Como escrever livros”. É claro, só gostará se o assunto for bom; e isso garanto: é ótimo!

Ei-lo.

Um destes dias, meritíssimo juiz substituto intimou-me, por intermédio duma oficiala de Justiça, a comparecer ao Fórum.

É curioso como os meritíssimos juízes ostentam seu poder ao “intimarem” as pessoas que movem as ações; e, não, apenas a os réus.

Sei que a acepção judicial de “intimar” é “dar ciência legal a alguém de um ato judicial”, mas esse malabarismo lingüístico não encobre a arrogância que o vocábulo contém.

Ouso, respeitosamente, sugerir aos meritíssimos juízes, ou à Justiça, que separem melhor arrogância de legítima autoridade e procurem ser mais simpáticos a quem a eles recorra, até mesmo a quem julguem e penalizem, inclusive os bandidos.

Isso não significa serem mais benevolentes, pois já o são demasiado, máxime com estes últimos, porquanto os soltam quando deveriam mantê-los presos; e não foi só uma nem duas vezes que essa soltura causou novos e mais graves crimes, sobrecarregando a polícia.

Fui intimado, então, pelo meritíssimo juiz por meio da oficiala, que me chamou ao portão de casa com o tom de quem fala a um réu e neste antevê, injustificada mas costumeiramente, o culpado; e pensava mesmo que eu fosse ambos, réu e culpado, pois só quando me identifiquei como autor do processo ficou sabendo. Com certeza nem sequer tinha lido o documento que me entregava.

Não foi por falta de Delícia ter contado e recontado à defensora pública; ou melhor, aos defensores, pois mudavam a cada entrevista; ora de férias, ora transferidos, e tal; que (na época) eu padecia daquelas doenças de contratura nas mãos e nos pés, e que, por isso, vinha indo em meu lugar ao Fórum para acompanhar o desenrolamento do processo, que era um rolo bem comprido, maior que o fio de Ariadne, porque já durava mais de ano, a percorrer o labirinto judicial sem Teseu para inteligentemente o guiar e cheio de minotauros, filhos do Minotauro quiçá e das suas delicadas vítimas virgens; um dédalo de dar vergonha em Dédalo, de tão superior e mais complexo que o dele, inclusive com sólido teto, para evitar fugas aladas com penas de coruja e cera de abelhas.

Talvez seja da natureza dos estudiosos do direito e dos legisladores, com certas exceções, procurarem dificuldades, em busca da perfeição, e errarem ao acabarem criando-as, pois não conseguem viver num mundo simples e aberto, no qual se perderiam, sem terem como guiar por estradas direitas o rebanho de ignorantes que pretendem conduzir.

Esse processo movi contra alguém que me processara, a quem vinha pagando certa quantia mensal, e não contarei quem é para não agravar a situação.

Só asseguro que, embora tenha me obrigado judicialmente a isso, o fez num caso atípico, onde, se não fossem as circunstâncias misteriosas, que também não posso descrever, a situação se invertia.

Assevero, outrossim, que eu não faltara a esse alguém; que, quando pretendia ajudá-lo, como me parecia correto, tentou enganar-me, pedindo muito mais do que lhe custariam certas precisões, e que, ao descobrir essa fraude, neguei-me a dar-lhe fosse quanto fosse, a não ser através de um mediador, a quem recusou.

Ao se ver frustrado, esse alguém me processou e o fez com recursos e várias ajudas, que não tive; por isso perdi e fui obrigado pela Justiça, cujo olhar vê até demais por trás da venda, a dar-lhe, durante uns dez anos, aquilo que fez falta imensa a Delcles, a Delícia e a mim.

Chegamos a economizar papel higiênico; a dar uma só descarga numa das duas privadas por dia e nenhuma na outra - pobre Espírito do banheiro! para economizar energia elétrica da bomba de água e a própria bomba; a juntar água da roupa lavada pelas doces mãos de Delícia para substituir a descarga e a coisas piores, que não narrarei para não entristecer este capítulo, o qual será alegre.

Por causa desse pagamento, cada vez mais significativo em nossa economia, pois se atualizava pelo malfalado mas nem tanto injustiçado salário mínimo, enquanto os aluguéis que recebemos (quando recebemos...) conservavam o preço todavia não o valor de sempre e até baixavam; por causa desse pagamento, repito, Delcles não pôde cursar uma qualquer das escolas particulares, nas quais, ao menos, aulas são dadas; e pisou a lama das infrequentes chuvas, a poeira e o pedrisco de longas madrugadas; e esperou ônibus horas a fio, para mofar em salas de aula onde poucos alunos e nenhum mestre compareciam, se os mestres estavam sempre em greve, na escola pública.

Por causa desse pagamento, Delcles teve de partir para mil quilômetros distante de casa; porquanto não conseguiu duas vezes, mesmo estudando mais de oito horas por dia sozinho, passar nos vestibulares de faculdades públicas e foi trabalhar em sonorização, estúdio de gravação e tal, trilhando, meio à força da Vida mas com certo gosto, o mesmo caminho de seu pai.

Quem sabe esse mal se transforme em bem, e Delcles continue-me a empresa artesanal, onde, feito eu, dará aulas a engenheiros de áudio, cujos diplomas não valem a prática. Quem sabe. Talvez o Espírito saiba, pois Deus parece nada saber; ou, se sabe, finge que não.

Sem Deus para ajudar, só coa força de Delícia, o processo que movi saiu enfim do labirinto; e ambos já conhecíamos, pelos computadores do Fórum (os quais não pensam excessivamente e, por isso mesmo, quando não são perturbados, agem mais rápido), que a sentença tendia a meu favor e suspenderia o pagamento.

Mesmo assim, fui “intimado” e tive de comparecer ao Fórum na data marcada; como sempre, para semanas depois.

No dia certo, vesti a roupa branca de sair de casa. Essa roupa é uma das duas únicas a isso destinada, já tem uns dez anos, e a outra é sua cópia idêntica; ambas mantidas impecáveis pelas linhas e agulhas de Delícia.

Calcei o par de tênis de couro, dos tempos em que os podia comprar, e pisei a estrada de terra e pedrisco afiado com minha mulher, rumo ao ponto de ônibus e, neste, ao Fórum, cujo edifício recém-construído, vasto e até suntuoso para a pequenina Rio dos Astros, já substituíra o antigo, quase tão vasto e suntuoso, que sobrara para órgãos menos importantes do governo, todos mais importantes que o povo.

O novo Fórum tinha e tem dois andares, do tamanho de campos de futebol, dos quais só o térreo parecia em uso, pois ninguém corpóreo subia ou descia, horas a fio, as amplas escadarias, que ocupam a maior parte do salão de entrada, inutilizando-o para outra finalidade senão a dessa impressionante estética.

Lá chegado, depois de muita dor nos pés (apesar da cura), esperei sentado com Delícia num corredor cheio de ecos e quase vazio de gente, enquanto olhava as caras dos escassos colegas de infortúnio, que não tinham uma Delícia para deliciá-los e afortuná-los; talvez advogados, quem sabe testemunhas, quiçá réus, porventura processadores, ou acompanhantes, na hierarquia onde o indivíduo, a quem a Justiça serve, não pode falar com o juiz exceto por mediação do advogado, e onde acompanhantes só acompanham e a ninguém podem dirigir a palavra.

Depois de quase acabar os temas de bate-papo com Delícia e avezar-me ao vozeirão do anunciador que convocava as pessoas à reunião na sala, na qual vezes faltavam juízes e defensores, ouvi tal voz enfim chamar meu nome e entrei, seguido daquela que até ali tudo fizera por mim em meu lugar, e que não deixariam falar...

Mandaram Delícia sentar-se bem longe, junto a uma parede divisória e não se manifestar.

Mandaram-me sentar junto a certa mesa, a perna de um T, cujo travessão era bem mais alto e no qual dois juízes, ou o juiz e o promotor (não sei; ninguém nos apresentou) assentavam-se em cadeiras melhores.

Lembrei-me de Ivanhoé e da tábola em T do castelo, bem como de mesa semelhante num dos livros de Tarzan, onde o rei da jângal ia parar numa fortaleza medieval em plena África, cercada de barbacãs e árabes imaginários, ilhada no tempo. Nada mudara: a arrogância também estava ali, naquela mesa em T, o T de Tribunal.

Estaria também ali o J da Justiça, o T de Têmis?

O promotor, ou o ajudante do juiz (nem sei se isso existe); enfim, o que tinha distintivo menor na lapela e trajava bege, dirigiu-se urbanamente a mim depois de ter folheado e percorrido com um dedo o processo, virando-lhe folhas para cá e para lá, parando meio segundo (sobrancelhas altas, a fazer bico), de olho sobre períodos destacados em amarelo, como se jamais tivesse aberto aquela pasta.

Resumi-lhe o meu caso, enquanto o juiz, todo de negro mas sem toga, parecia entreouvir-me sem querer demonstrar, claro se fingindo às voltas com outros papéis e cantos da sala para exhibir-se atarefado e condescendente em ali quedar.

Súbito, qual se a tudo tivesse estado atentíssimo (e estivera), o juiz interrompeu-o e perguntou-me direto a idade do réu, ou da ré, qual se esse dado importasse.

Disse-lha respeitosamente; e, num gesto de enfado, como se me fizesse imenso favor, ditou em voz tonante a uma secretária, sentada, depois do talvez promotor, defronte dum computador, máquina mais importante e imponente que eu, instalada acima de mim no travessão do T, já de Terror, algo que não era inda a sentença, pois tudo, para ser justo, na Justiça, tem de demorar assim, e porquanto o réu, ou ré, não estava presente nem se fizera representar.

Eis que, durante a fala do meritíssimo juiz, chega minha nova defensora, jovem simpática que nem Delícia, nem (é claro) eu, víramos jamais e que (é óbvio) nunca nos vira, nem (é quase certo) ao processo em julgamento.

Acima da velocidade da luz, mas abaixo da do escuro e do medo, inteirei-a do caso, que ela (agora é certo) não conhecera ainda e vinha defender...

Talvez por ter podido falar - e falara bem, acima da ligeireza do escuro e do medo! - direto à autoridade, eu tenha conquistado a vitória, pois a sentença sairia muitos dias depois a meu favor, obrigando-me a nova visita ao Fórum e (se já não estivesse curado) a novas câibras de duas horas, ou mais, na volta ao lar.

Ainda na mesma visita, cuja primeira parte acabo de narrar; encerrada a sessão; Delícia pediu-me que a acompanhasse a uma sala do outro lado do corredor, onde jaziam arquivados os processos em andamento, porquanto ali se achava outro, movido por ela contra um inadimplente a quem alugara um dos conjugados dos quais dependíamos para sobreviver e para pagar aquela quantia mensal a que a Justiça me obrigara e enfim me livrou.

Sim! havia Justiça na sala do juiz, mesmo que não fosse a dele. Creio que era a do ser imaterial, a deusa da Justiça mesma, alada e cingida coa legítima venda da equidade.

Entrei na sala do arquivo com Delícia; e ficamos de pé junto ao balcão, a esperarmos. Nossa primeira espera era a da pasta com o original do processo que movi (e a deusa da Justiça acabava de atender), para de suas muitas páginas tirarmos, noutra sala, cópias reprográficas, o que fizemos, tendo eu de deixar minha carteira de identidade com certa funcionária, chateada porque não era mais balconista e teve de nos aviar no balcão ora vazio de subalternos.

Essa chateação quase me custou a carteira, pois, em vez de pô-la numa caixa de sapatos onde ficavam as dos mais pleiteantes em atendimento, atirou-a entre processos empilhados na mesa doutro funcionário, um dos balconistas sumidos, que, ao surgir, custou a achá-la, tratando-nos com má vontade e quase grosseria por não querer crer, quando Delícia informou-lhe o paradeiro do documento.

O homem fazia questão de afirmar que era impossível este não estar na caixa de sapatos; que a funcionária só o teria posto no

lugar certo, essa nobre caixa de sapatos; e só se convenceu ao ter de procurá-lo, instado por Delícia, na pilha de processos, achá-lo e, vexado, constatar, depois de profundo exame em meu rosto, que eu era mesmo o sujeito da foto, na carteira de identidade...

Devolvida ao arquivo a pasta com o processo; eu já em posse da identidade sem a qual não existo; Delícia passou comigo à segunda espera, ao pedir à funcionária do balcão, que enfim chegara doutra sala, contígua e à nossa direita, a pasta do processo que moveu contra o mau inquilino.

Essa funcionária era bem vestida senhora de meia-idade, que se movimentava qual se fosse senil; ou, pior, feito um dos primeiros e emperradíssimos robôs dos filmes de ficção; pois os de hoje são de realidade virtual e se mexem mais mal ainda, numa continuidade falsa de gestos raro desafetada e que grita: “- Sou um ótimo efeito especial!”.

A senhora tinha a feição de certa personagem querida, de Monteiro Lobato, mas nem de leve o brilho inteligente no olhar e a boa vontade das avós.

Aqui começa a parte crucial desta história, embora eu ainda não soubesse: o cartão!

Sim, o cartão! O cartão azul de identificação do processo! Cartão azul esse o qual Delícia entregou à senhora e que esta, apanhando-o entre o indicador e o polegar da mão esquerda (ou o índice e o polegar da sinistra, para combinar melhor com o ambiente do Fórum), manteve elevado nessa importante posição!

O trabalho (se assim pudermos chamá-lo), na sala, foi interrompido pela a voz dum calvo, baixote e gordo advogado, de metal quase tão forte como o do anunciador, arauto, núncio, porta-voz, ou seja lá como se chame na linguagem técnica tal personagem dos fóruns (pois não tenho mais paciência sequer de consultar o dicionário eletrônico para saber ao certo), que informou a todos os presentes o inestimável, notável, nunca visto e surpreendente fato de que voltaria; não, feito aquele astro hercúleo e temível dos filmes de ficção, dalguma tremenda aventura; sim, nada mais nada menos, da epopéia, mais perigosa inda, de sair do Fórum para... fumar!

Partido o advogado, a labuta na sala do arquivo recomeçava; e, na sala contígua, onde a conversação animada fora interrompida, esta reencetava-se, mais animada té.

Decerto a sala contígua era de gente mais importante, para quem trabalhar é exemplo a ser dado aos outros com parcimônia iniciática, de tão nobre, secreto e misterioso.

A senhora com o cartão azul pôs-se a caminhar, coa lentidão majestática das velhas leoas, entre as filas de estantes no centro e ao longo das paredes da sala, interrompidas nestas por janelas gradeadas atrás de mesas sob computadores, os quais divertiam-se a enfeitarem a vida dos mortais com belos protetores de tela a perpassarem ícones nos fundos negros feito quadros animados, novas vendas de Têmis, a deusa da Justiça, detrás dos quais se escondiam os longo-áridos registros dos processos coas sendas velozes por onde a eletrônica fluía seus rápidos campos elétricos e morosos elétrons, em exatos pulsos binários de zeros e uns, e a informática interligava, feito a lépida aranha a os fios de sua rede no jardim e a breve conjunção aditiva às frases nos grandes parágrafos, todos os computadores em todas as escritaninhas de todos os fóruns do país, enfeitados com mais ou menos hipnóticos protetores de tela, que alegravam os sóbrios ambientes e ostentavam, para ninguém poder negar, que, oculta por eles, Têmis já se informatizara e celerizava nas linhas de fibra óptica, asas de plumas trocadas pelas de fótons, e que sua filha Astréia, também justíssima, não era mais a constelação da Virgem, cuja virgindade fora violada por fino e duro hacker, para traficar drogas na teia elástica da divina mãe.

Empós passar e repassar por todos os meandros do pequeno labirinto de estantes, arremedo ou fractal daquele da Justiça, a senhora, sempre com o cartão entre o póllice e o índex da sinistra, decidiu-se, ou seus pés cansados decidiram por ela, e estacionou perante uma das pilhas de pastas, ao nível de seus braços dobrados, numa prateleira de determinada estante. Seu olhar fadigoso vagueou derredor e caiu de cansaço sobre a pilha mais próxima da mão direita; ou da destra, embora em nada o fosse...

Com a destra; canhestra, se não sinistramente; a senhora colheu uma das pastas, a de cima, não conseguiu elevá-la, dobrou-lhe o dorso apenas, obrigou com dificuldade os olhos quase cerrados a lerem o título através das lentes espessas de óculos meia-taça, pensou, ou tentou, e, com infinita canseira, sempre com o cartão suspenso na pinça da sinistra, passou ao título da pasta seguinte, como se este ali se escondesse de propósito feito menino travesso, e ela, uma avó, não tivesse ânimo de repreendê-lo.

A senhora afinal leu, ou pensou tê-lo feito, ou achou ter parecido a nós fazê-lo, o título da pasta logo abaixo da primeira, que, por sentir-me contagiado aqui pelo seu cansaço, hesito (que quase grafo sem “h” e com “x”) em chamar simples (“simplesmente” é mui longo) de segunda... e já não me preocupam reclamações de doutos repórteres contra os maus tratos de escritores rudes aos participípios.

A terceira pasta foi um Trabalho de Hércules! A mão direita; a inábil destra da ambiesquerda senhora, nem tão idosa assim para a chamar de velha; logrou apanhar entre o póllice e o índex duas pastas! E; maior que Hércules, súpera a Atena, de provocar a irada inveja de Hera; a senhora leu! Leu, sim, o título da terceira pasta; tanto, que seus estreitos lábios quase o soletraram...

E assim foi, de Trabalho em Trabalho, abarcando e dobrando pastas coa destra e lendo os títulos das que sugiam debaixo, sempre a manter semi-erguido o cartão azul, feito Zeus a seus raios, na incansável sinistra!

Quando nem a gigantesca mão do filho de Alcmena cingiria tantas pastas, a senhora olhou o mundo por cima dos óculos, para ver se ainda estava ali, pois em seu inconsciente todos os seres sabem que os sóis explodem em gigantes vermelhas...

Então, sem largar o cartão, feito Atlas suspende o Universo, a senhora criou do nada, pois mente parecia não ter, contrariando o pobre Voltaire que a todo efeito exigia causa, uma nova posição para a destra, enfiando-a entre as pastas já vistas e as de baixo e girando-a, enquanto a abria, para sustentar com o polegar as acima e apoiar esse peso com o mínimo nas abaixo.

Assim, conseguiu ler mais uma, sem jamais largar o cartão da sinistra, e assim foi repetindo o novo movimento, até o equilíbrio das pastas superiores mostrar-se tão precário que desistiu de sustê-las e virou-as de vez, de borco, sobre a pilha ao lado. Esse gesto genial permitiu-lhe realizar o que nem os filósofos gregos cogitariam: ler, Ler, LER todos os títulos de todas as pastas da primeira pilha!

Com um ar nos lábios descaídos, que nem Nike, a deusa disto, animar-se-ia a chamar de “vitória”, a senhora meteu a direita, já té um tanto destra de tanto treino, sob a pilha de pastas revirada e tentou devolvê-la num só giro ao lugar original. Desta vez não deu... e Hércules, no Olimpo com sua Hebe no colo, sorriu...

A senhora pensou, pensou, pensou (desta vez sem maiúsculas, pois no seu caso seria impossível) e atinou coa solução: foi pegando maços de pastas na poderosa pinça da destra, forte de enciumar os siris, e repondo-as na posição original, até restaurar a pilha.

E o cartão azul sempre na sinistra, como se fosse amarelo na mão do árbitro, pronto a virar vermelho e nos expulsar dali.

Um minuto de silêncio e introspecção, enquanto os protetores de tela dolentemente perpassavam nos monitores dos computadores, e a senhora afastou de lado uma perna, manteve-se em equilíbrio sobre ambas entreabertas e enfim puxou para o mesmo lado a outra, fechando-as e aprumando-se diante doutra pilha de pastas, ao lado da primeira.

Mais que heroicamente; divinamente, feito se sucedem os bigue-bangues e as Grandes Pulsações; a senhora repetiu a façanha, melhor coa prática e pior com o cansaço, de ler os títulos das pastas pelo mesmo método canhoto de só usar a destra, cartão azul sempre suspenso na sinistra.

Assim esperamos, Esperamos, ESPERAMOS, Delícia e eu, feito espécies esperam a evolução para saírem do mar à terra e da terra ao espaço, enquanto a senhora visitava TODAS as pilhas de pastas... do nível da primeira, em todas as estantes, sempre com o cartão suspenso na sinistra.

Quando terminou de percorrer o pequeno labirinto e deparou-se coa primeira pilha de pastas da fileira do nível abaixo, pois a do nível acima seu pensamento ainda não alcançava, a senhora deu um suspiro... e, pela primeira vez, o cartão azul tremeu!

À medida que o tempo; tempo, não; a Eternidade passava, eu ia ficando... bem, não quero incluir palavrões de quatro letras começados por “p” neste texto alegre. Ia ficando, hum... chateado, apoquentado, quase irado, até que; por meio do Lume que faltava à boa senhora; fosse o de Deus, pela primeira vez penalizado com um de seus filhos; fosse ainda o do Espírito; não sei, só sei que não sei; a face iluminou-se-me com o mais belo dos sorrisos, depois do da Leitora, do Leitor: o do escritor! Do Escritor, que aqui merece maiúscula, por ter percebido a história a captar e narrar, no mais feliz dos capítulos cômicos...

Sim! aquilo era história! história da boa! História com H maiúsculo, mesmo não sendo a História do Brasil...

O cartão!!! O cartão era a chave da História, da narrativa saborosa; o sal azul para temperar o preto no branco das linhas na página!

Ah! Então me empolguei! Quis ficar ali por todo o sempre, a gravar no cérebro para, depois da Eternidade, registrar no papel e conservar no Sempre dos sempre a mirífica História do Cartão!

A senhora percorreu, de cartão azul na sestra, o labirinto de estantes, varejando feito dez heróis gregos; não, pela força e a agilidade; sim, pela perseverança; as pastas do nível de baixo. A luz do ambiente mudara; o nobre advogado fumara, chegou e ia-se; a conversação animada na sala contígua terminara; e, pasmemo-nos! as pessoas ali trabalharam... e a senhora terminou de ler os títulos das pastas do nível de baixo.

Como todos sabem, se ainda se lembram do que são estantes depois deste marasmo sonambúlico, estas não se resumem em dois níveis. A senhora descobriu isso ao chegar ao fim do segundo, e não teve coragem de prosseguir: pediu ajuda a um funcionário, aquele mesmo quase grosseiro da carteira de identidade, que ainda vivia.

Este, um homem! tinha a obrigação de ser mais forte que a senhora e de ajudá-la. E, principalmente, estava com ambas as mãos livres!!!

O homem, o poderoso Homem, o Filho de Prometeu, ajudou. Repetiu a façanha da senhora, já mais rápido, já mais temerário, revirando todas as pastas não vistas em todas as prateleiras de todas as estantes na sala.

Quando ambos, após extensa confabulação; a senhora sempre com o cartão azul elevado na sinistra; descobriram que a pasta do processo (lembra-se Leitora, Leitor?) não estava ali... recomeçaram a busca pela primeira pilha!

Súbito; iluminado pelo ouro do crepúsculo, pois já entardecia; o homem, o poderoso Homem, o Filho de Prometeu! teve uma idéia... e apontou à senhora o computador. Em seguida, como Atlas descarregou o mundo nos ombros de Hércules para ir buscar o pomo, aliviou-se da obrigação de auxiliar e correu! correu, sim, sala afora, para trabalhar noutro lugar. Ou seja: fugiu.

Cartão na sinistra, a senhora não teve forças para sentar-se ante um dos computadores, o felizardíssimo dos computadores, mais a nossa esquerda, na escrivaninha ao fundo da sala. Apenas logrou esticar o indicador, o índice, o índice da destra, a uma tecla do micro... e o protetor da tela deu lugar à impecável interface de usuário, onde se iluminava, em cores sóbrias, como convém à Justiça, a primeira tela do banco de dados.

A senhora, cartão azul sempre elevado na sinistra, deu uma olhadela de desprezo ao mouse (que chiou de medo)... e pôs-se a teclar, somente com o índice, o índice dos registros percorrendo.

Ah, datilógrafas! Ah, moças dedicadas, que tantas horas despenderam, indo de casa ao trabalho, deste à escola, desta ao curso de datilografia e de volta ao lar, para obterem a admirável perícia que lhes qualificou enfim com esse nome, datilógrafas, fruto de sua digna profissão! Como se sentiriam, perante a aterradora cena? Quantos milhares de toques teriam dado, mesmo a menos apta, enquanto a senhora exibia aquele imponente, escultural,

desempenho, amparada pela sáxia estátua da Justiça num dos pratos pétreos da balança que não se move sem quebrar-se?

O computador não pifou, embora o prazo de garantia talvez se tenha esgotado durante a procura; e a senhora encontrou! encontrou, sim! o registro do processo.

Então parou, meditou, tirou o dedo da última tecla, que deve ter repetido a si mesma feito se repetem interminavelmente os plágios nos maus filmes e as metempsicoses dos injustos, e desentortou a coluna, sistema vertebral forçado pelo poder maior da máquina, lá embaixo na escrivadinha, a dobrar-se para o difícil trabalho, feito de pé e com o cartão azul sempre elevado na sinistra.

Trabalho esse só permitido pelo gênio do programador, que preventivamente não incluiu combinações de teclas no programa e lhe deu pleno acesso por meio do teclado, sem exigência do mouse.

Imagine, Leitora, Leitor, se a senhora precisasse usar mais um dedo da destra para alguma combinação de teclas; e, pior, se esta a obrigasse a premer teclas distantes, com ambas as mãos! Teria usado a língua?!?

O cartão! Ele era a justificativa! O elo entre a senhora e sua função! O símbolo! O signo sagrado do trabalho! Com ele suspenso; sinistra cirurgiã canhota, prestes a operar o coração do Direito; a senhora também era como a cabina fechada do estúdio, coa luz vermelha acesa: “GRAVANDO!”. Era como o bueiro cercado de cavaletes, coa inscrição “HOMENS TRABALHANDO”!

Eis desvendado o segredo metido fundo no inconsciente da senhora, do seu orbe, da sua realidade, pois em toda esta inexistia a consciência, senão do elo em si, que lhe assegurava e ao Universo: “- Estou trabalhando!”.

Ah, nem Jung alcançaria tal arquétipo! O cartão azul! O sublime cartão azul! O céu imutável, o Além, a Imortalidade, azul plano fixo onde a senhora se segurava, dependurada firme, pela pinça do índice e do polegar da sinistra!

Enquanto a senhora meditava, tive tempo - isso não faltava naquela sala! ali era o reino de Cronos! - para descobrir a semelhança

de uma funcionária, das que cansaram de conversar na sala contígua, com certa ruiva que possui (se não foi o contrário...), antes de conhecer Delícia.

A funcionária percebeu-me o olhar, passou à sala do arquivo e lançou-me o dela, como se me compreendesse o gesto e quisesse responder o que lhe perguntava: se era parente, ou mesmo irmã da ruiva.

E já ruivo era o crepúsculo, anunciando o azul da noitinha, o azul que não chegava ao mundo, porque estava preso no cartão, misteriosamente suspenso no continuum pela senhora, desse próprio cartão dependurada... que, enfim, concluiu a meditação e abandonou o computador de volta ao protetor de tela.

A senhora interceptou o funcionário, o qual volvia da fuga, imaginando quiçá que não seria outra vez perturbado. Ela o obrigou a tornar à procura e pediu-lhe que nos transmitisse sua inestimável descoberta no computador:

- São dois processos!

Delícia mergulhou nos meus os únicos olhos desanimados de sua vida; e lhe retribuí com outros, cheios de felicidade; aqueles do Escritor que encontrou a Matéria! Nesse mergulho mútuo de olhares, minha mulher vibrou comigo, porque nos bastam as pupilas para conversarmos... e esqueci todas as ruivas do Universo.

A ruiva deve ter voltado à sala contígua; pois, como não mais podia ver ruivas, não mais a vi. Porém via a senhora! Via o cartão azul; e esta, sem ter nada mais a fazer senão voltar à busca, reiniciou-a... enquanto o funcionário fugia outra vez!

De volta à primeira pilha, na prateleira do primeiro nível da primeira estante, eis recomeçado o processo da procura do processo, com importantíssima diferença: não era o único! Havia outro! E o outro era aquele cuja cópia das páginas eu tirara, quase em troca de perder a identidade e a existência... Aquele que todos na sala viram, e esqueceram no mesmo instante; ou sequer viram, feito os olhos dos mortos que olham e não vêem, descritos por Homero e de novo por Vergílio; meu amado Vergílio! falível no gênio feito os homens,

e por isso mais genial até que os deuses; que olhou, leu e não viu a descrição desses olhos no texto de Homero...

Súbito, a senhora cedeu. Cedeu feito Hércules ao fogo de Nesso. Cedeu qual a Vida perante a Morte e a Morte ante a Reencarnação. Cedeu, pois estava no reino de Cronos; e o Tempo alfim bradou:

- CHEGA!!!

Cartão azul sempre suspenso na sinistra, a senhora veio até nós feito o Titanic rumo ao iceberg...

Aproximou-se do balcão, doutro lado do qual Delícia e eu éramos os únicos ainda a esperar.

E a sinistra por fim baixou o cartão!

Baixou-o sobre o balcão azul-claro, onde a destra, com uma caneta ainda mais azul que o cartão, escreveu com letra de professora, pausadamente, com absoluta perfeição, uma data para o retorno de Delícia e o nome da senhora; que, por respeito à própria, a Zeus, a Cronos, a Hércules, a Homero, a Vergílio e aos deuses mais; sem esquecer Têmis, a Justiça; não incluirei aqui.

E a boca da senhora abriu-se e disse, como se cérebro algum a comandasse, senão o da Justiça, lá longe talvez no meritíssimo crânio do juiz, ou quem sabe na pedra da estátua da deusa:

- O processo não está aqui. Deve estar na outra sala e com certeza eu o acharei.

A outra sala era aquela para a qual tinha fugido o funcionário e ficava do lado esquerdo, oposto à da conversação dos eleitos, onde nunca estivera, donde jamais viera e aonde em tempo algum retornara uma ruiva, pois eu as esquecera.

E a senhora continuava:

- Volte, por favor... dona Delícia; não é? volte em quinze dias, que, prometo! o processo estará aqui. E são dois! não são?!

Era a voz da Justiça! Antiga! Pura! Ingênua, autêntica e macia como a de Lazir Sinval; quente, misteriosa e guiadora qual a da cavaquinista Luciane Menezes; aleatória, lisérgica e mesmeriana feito a de Tia Maria, três das componentes do místico, agripnético

e lucipotente Jongo da Serrinha, tão bem gravadas com o equipamento que montei, em histórico CD pelo cósmico Doudou, o incógnito, um daqueles raros e fiéis amigos que restaram.

Delícia não respondeu. Limitou-se a tentar sorrir, e notei: esforçava-se nisso mais que a senhora para virar as pastas, a mesma senhora superior em poder aos heróis da Hélade.

Delícia trocou o sorriso de mentira e amarelo pelo cartão de verdade e azul; e o azul refletiu-se-lhe nas córneas brilhantes e límpidas, sobre as íris acaju.

Um azul gelado feito a Justiça.

E voltamos para casa, cartão azul devolvido à bolsa preta de Delícia; onde, igual no Nada, tudo cabe e está; ambos, ela e eu, felizes com o resultado quase definitivo do primeiro processo.

E essa felicidade pôs novo reflexo azul nos olhos acaju de Delícia, quando se alçaram para mim e neles me vi em silhueta, recortado contra o azul da noitinha, antes de pararmos no tempo e no espaço, mais parados que a senhora na sala de Cronos, mais parados que a Justiça no Brasil, para retomar nosso único, e terno, e coeterno, e vermelho, beijo de amor!